

**O UTILITARISMO E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL
POR UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL**

José Luiz M. Villar*

RESUMO: O Utilitarismo influenciou, sobretudo no séc. XIX, a definição de ações educacionais para os crescentes contingentes populacionais indicando uma tendência de intensificação da aplicação de uma racionalidade econômica à educação que seria baseada numa correspondência entre a relação custo-benefício e a relação prêmio-punição. A presença ao longo da História de uma hierarquização entre trabalho braçal e trabalho intelectual se constitui numa outra abordagem igualmente importante para a compreensão da dualidade pedagógica que se manifesta na História da Educação Profissional. Assim, o consequencialismo, característico do utilitarismo, e o inatismo que fundamenta uma Pedagogia da essência poderiam ser consideradas duas das noções que atuaram como agentes ou forças modeladoras da Educação Profissional com profundo reflexos até os dias de hoje.

Palavras-chave: Utilitarismo. História da Educação. Educação Profissional.

RESUMEN: El Utilitarismo influyó en la definición de las acciones educativas dirigidas a las masas urbanas en el siglo XIX, lo que indica una tendencia de intensificación de la aplicación de la racionalidad económica a la educación, basando-se en una correlación entre la relación costo-beneficio y la relación premio-castigo. La presencia a lo largo de una jerarquía entre el trabajo braçal y el trabajo intelectual es otro enfoque importante para la comprensión de la dualidad pedagógica que se manifiesta en la educación profesional. Así, el consecuencialismo característico del Utilitarismo, y la pedagogía de la esencia se podrían considerar dos de las nociones que actuaban como agentes o fuerzas que determinan la educación profesional con profundas consecuencias para el día de hoy.

Palabras claves: Utilitarismo. História de la Educación. Educación Profesional.

Introdução

Os estudos sobre a História da Educação poderiam se beneficiar de uma abordagem sistemática das bases filosóficas da Educação Profissional. O objetivo desta pesquisa é, portanto, apresentar uma contribuição preliminar para o preenchimento desta lacuna. Os estudos dos fundamentos filosóficos da Educação

* Prof. Adjunto de História da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. E-mail: zvillar@unb.br.

Profissionais poderiam inicialmente partir da preocupação com a reflexão sobre as causas das transformações e do movimento.

Podemos identificar, através do pensamento de Aristóteles¹ sobre as quatro causas, os fundamentos da divisão entre trabalho braçal e intelectual. Segundo esta teoria existiriam basicamente 4 causas: Causa Material (ligada às especificidades da matéria); Causa Formal (definida pela função do Objeto); Causa eficiente ou motriz (Trabalho braçal necessário); Causa Final (Finalidade / Intenção. Trabalho de criação e planejamento da relação entre as outras causas). O esforço explicativo de Aristóteles, entretanto, teria se baseado numa hierarquização das causas que justificaria uma suposta superioridade do trabalho intelectual em relação ao braçal; podendo ser considerado um dos principais fundamentos do Dualismo Pedagógico.

A tradição ocidental está marcada por uma cultura que valorizava o trabalho intelectual de Magistrados, e Governantes, pois a atuação política destes teria como finalidade viabilizar a existência da Pólis, com a criação de normas que permitissem conciliar as diferenças entre seus habitantes. A Pólis representava e concentrava riqueza, sendo ponto de convergência da produção de diferentes regiões produtivas era o lugar onde se intensificou a prática do comércio. Neste ambiente o acirramento dos conflitos deveria ser evitado pela criação e divulgação das normas necessárias à conciliação de diferentes interesses econômicos. Simultaneamente o trabalho braçal, ou a denominada causa eficiente, ou motriz era executado por escravos, o que criava uma situação de hierarquização de atividades com a hegemonia do trabalho intelectual.

¹ Metafísica Livro, 5, seção 1013A, traduzido por Hugh Tredennick. (Met. A 3, 983^a24-b17)

A dualidade pedagógica pode ser compreendida também a partir de outra abordagem oferecida por Hannah Arendt quando em sua obra “A Condição Humana” ela enfatiza a diferença entre as atividades na Esfera Privada e na Esfera Pública, mostrando que na Grécia Antiga o trabalho executado para prover a sobrevivência material imediata aproximava o indivíduo que o realizava a um estado de necessidade, a uma dependência, que aos olhos da elite grega poderia ser considerado limitador da possibilidade de atuar politicamente. Assim a esfera Pública era o domínio da atuação Política de proprietários e daqueles que não estivessem ligados às limitações naturais. Neste sentido é sintomático, ou emblemático a etimologia da palavra escola, de origem grega, que significaria “Folga”, “Tempo livre”, “discussão”.

Os conceitos “Utilidade” e “Utilitarismo”.

Preliminarmente é importante destacar que a abordagem destes conceitos ocorreu em diferentes momentos históricos a partir de uma apropriação mecanicista de seus sentidos baseada no senso comum. Assim os conceitos “Utilidade” e “Utilitarismo” frequentemente são apresentados equivocadamente como sinônimos. Mas, no caso específico de uma contribuição à investigação sobre os fundamentos filosóficos da Educação Profissional, os dois conceitos são igualmente importantes porque historicamente influenciaram as diferentes manifestações desta modalidade de ensino.

Em diferentes momentos históricos pensadores da educação destacaram a importância do conhecimento útil ou de ensinar conteúdos úteis em oposição ao que foi denominado, ou era conhecido como humanismo literário, erudição, ou educação livresca.

A aplicação ou emprego da noção de “utilidade” na educação pode ser observada desde os sofistas passando pelos estóicos e, sobretudo, pela ênfase que lhe foi conferida por Cícero na obra *De Officiis*. A Educação deveria transmitir um

conhecimento que tivesse aplicabilidade nas atividades particulares e públicas em detrimento do saber pelo saber. Quando Cícero relacionou “Honestidade” e “utilidade” teria criado os argumentos que seriam empregados posteriormente por Jeremy Bentham para fundar a Doutrina do Utilitarismo

No Renascimento o conceito de “utilidade” empregada na Educação estaria ligado a necessidade de valorização da observação no processo de ensino-aprendizagem, como declarava o Humanista espanhol Juan Luis Vives.

“ Os silogismos, as oposições, as conjunções, as disjunções, as explicações, as enunciações são como os enigmas com que se assombra as crianças e as velhas.”

“(…) não é a argumentação o que elucida a verdade, mas sim, a indagação da natureza, e observação sensível”

“O estudante não deve envergonhar-se de entrar em lojas e em fábricas, de fazer perguntas aos comerciantes, de conhecer os detalhes das suas tarefas. Antigamente, os homens cultos desdenhavam indagar a respeito daquelas coisas que são tão úteis conhecer e recordar na vida”²

A noção de utilidade teria sido aprofundada no séc. XVII passando a ser empregada para controlar o conteúdo das disciplinas a partir da aplicação sistemática da relação custo/benefício a Educação formal. Neste período surgem os primeiros livros didáticos, que se constituiriam num instrumento de divulgação de conteúdos e conhecimentos úteis. Assim, segundo Comenius³, autor de dois dos principais livros dirigidos ao processo de ensino aprendizagem:

² In: VIVES, J. L. Tratado de la enseñanza – De Tradentis Disciplinis p:CLXXVI

³ *Janua Linguarum Reserata* pode ser considerado um dos primeiros livros didáticos, pois se baseava na noção de Pansofia defendida por Comenius. Segundo a noção de Pansofia o Homem tem por natureza a possibilidade de ser educado. A educabilidade é segundo Comenius uma característica inerente ao ser humano. Em 1654, aplicando a noção de Pansofia, Comenius publicou também *Orbis Pictus* considerado o primeiro livro texto (livro didático) ilustrado. *Orbis Pictus* e *Linguarum Reserata* foram escritos a partir do conceito de Pansofia que defendia a necessidade de garantir o acesso ao conhecimento para todos. Anteriormente no Renascimento

“ (...) sábio é quem conhece as coisas úteis, não quem conhece muitas coisas. Poder-se-á orientar os trabalhos escolares para a utilidade e economizar o tempo no ensinamento das matérias se se evitar cuidadosamente de ensinar: as coisas inúteis; as coisas alheias; os detalhes insignificantes.” (COMENIUS, 2002, p: 221)

No capítulo XVIII da Didática Magna intitulado: “*Princípios em que se fundamenta a solidez no ensinar e no aprender*” Comenius afirma que a noção de utilidade é natural, portanto deve ser adotada na Educação, sobretudo no ensino das línguas.

“(…) se nossa inteligência colhe êxito na busca das coisas principais, os mínimos detalhes revelar-se-ão por si mesmos. A esta espécie de obstáculos pertencem: os vocabulários e dicionários chamados gerais, isto é, que contêm todas as palavras de uma língua; e uma vez que uma boa parte delas não servirá jamais, por que obrigar os jovens a aprendê-la e sobrecarregar-lhes a memória ? ” (COMENIUS, 2002, p: 183)

A partir do Renascimento a noção de utilidade foi sistematicamente aplicada à educação. Inicialmente, apresentava-se ligada a importância da experiência em detrimento ou em oposição a educação centralizada nos clássicos, ou educação livresca. Autores como Juan Vives e posteriormente Comenius destacavam a necessidade do aluno apreender tudo o que for útil. Vives estimulava o aluno a conhecer a realidade a partir da observação e apreender aquilo que tivesse

Juan Vives já havia afirmado que a Educação era uma necessidade orgânica comum a todos os indivíduos.

Assim como a “Pansofia” de Comenius (séc. XVII) se baseava numa necessidade de atingir simultaneamente todos com tudo, daí a invenção de um livro didático como o *Orbis Pictus* (1654), o *Panóptico* (1787) de Jeremy Bentham (Séc. XVIII) se baseava numa simultaneidade do olhar (Inspeção). Tratava-se de instituir a simultaneidade do olhar e do acesso aos conteúdos definidos pela noção de utilidade. Acesso equidistante aos conteúdos e ao objeto da inspeção como instrumento de controle.

aplicação. Comenius chegou a afirmar que os dicionários só deveriam conter as palavras que fossem utilizadas. A noção de utilidade está ligada a expansão comercial, a hegemonia da burguesia mercantil e ao sentido prático, imediatista que caracteriza esta fase e este segmento social.

O conceito Utilitarismo apesar de ser automaticamente associado ao nome de Jeremy Bentham não tem nele o seu precursor. Alguns estudiosos afirmam que ele foi o principal organizador e compilador das idéias Utilitaristas. É difícil estabelecer um fundador, ou criador do pensamento Utilitarista já que a rigor não podemos falar num Utilitarismo, o mais correto seria empregarmos o conceito “Utilitarismos”.

Mas, o que todas estas manifestações compartilham, ou tem em comum é a possibilidade de terem se baseado na relação custo/benefício como forma de conferir uma racionalidade às relações sociais. Estas manifestações seriam, portanto, uma das primeiras tentativas de explicar a sociedade racionalmente como um reflexo do Iluminismo, em oposição às formulações e explicações religiosas.

O Utilitarismo surgiu como uma manifestação do consequencialismo reforçado pela difusão da relação custo-benefício, a partir da manufatura. Esta relação foi além dos limites, ou fronteiras do mundo dos negócios e passou a ser aplicada aos problemas sociais e as questões morais. No Utilitarismo as ações são avaliadas pelo resultado efetivamente alcançado e não pela intenção que orienta a ação. Segundo Jeremy Bentham o resultado que deve ser perseguido é o maior bem estar e a maior felicidade do maior número possível de indivíduos .⁴

⁴ O Utilitarismo também pode ter influenciado a noção de utilidade marginal da Escola Neoclássica (ou Marginalista). Vilfredo Pareto, como um representante da Escola Neoclássica definiu o ponto *optimum* de uma economia quando se torna impossível aumentar a satisfação de um indivíduo sem diminuir a de outro indivíduo.

Assim, uma abordagem filosófica da Educação Profissional se defrontaria com idéias que oscilam entre o consequencialismo e o intencionalismo. A Educação Profissional ora é vista como uma forma de distribuir parcelas de felicidade ao maior número possível de indivíduos, ora como estratégia para alcançar uma meta ou finalidade econômica.

O Utilitarismo poderia ser considerado um esforço para explicar o comportamento individual e social a partir de duplas antitéticas como: prazer-dor; prêmio-punição; recompensa-castigo; que fica mais claro no dito popular: “o crime não compensa”. Teria cumprido, assim, uma função educacional na criação de uma moral para as massas, na criação de uma moral burguesa, ou liberal, para os trabalhadores, para a orientação das camadas populares e dos aprendizes.

Assim, como afirma Foucault em sua obra *“Verdade e forma jurídica”* referindo-se ao papel do Bispo Watson na Inglaterra do séc. XIX, esta autoridade religiosa, que atuava na *Sociedade para a Supressão ao Vício*, pregava aos ricos: *“Peço-lhes que sigam essas leis que não são feitas para vocês, pois assim ao menos haverá a possibilidade de controle e de vigilância das classes mais pobres”* (FOUCAULT, 1996, p 94.).

Foucault trata, na referida obra, da instauração de mecanismos de controle, na Inglaterra do séc XVIII, que permitiram a proteção de uma nova forma material de fortuna, representada, dentre outras, pelos estoques de matérias primas concentradas nas mãos de empresários empregadores.

A partir da criação e geração de novas formas de riqueza, começam a surgir indícios de que a lei, que num primeiro momento, caracterizava-se por ser reativa, demonstrando o temor imediato das elites com relação ao comportamento das multidões, passa a ser pró-ativa, expressando o objetivo de modelar, ou manter, um formato de sociedade e as suas respectivas relações de poder. Neste sentido a

educação formal se constituiria em instrumento para manter o controle sobre grandes e crescentes contingentes populacionais, sobretudo no espaço urbano.

Esta mudança se manifestaria nas propostas de Jeremy Bentham que num primeiro momento se baseou na defesa da construção de Casas de Inspeção como o Panóptico; e num segundo momento numa atitude preventiva propõe a criação de Escolas Chrestomáthicas, onde os alunos apreenderiam conteúdo moral e conhecimentos úteis.

Manifestação Histórica do Utilitarismo na Educação Profissional

Podemos identificar uma estreita relação entre o Utilitarismo e o Método de Ensino Mútuo, Monitorial ou também conhecido como Método Lancaster utilizado no Brasil do séc. XIX. Tanto a corrente filosófica quanto o referido método teriam surgido motivados pela necessidade de enfrentar uma nova realidade apresentada pelo crescimento urbano e a concentração demográfica. Todas as duas abordagens seguiriam uma racionalidade econômica para propor ações que permitissem às elites a manutenção do controle desta nova realidade. Alguns autores chegam a afirmar que o pensamento de Jeremy Bentham fundamentou a criação e formulação do Método Lancaster.

Seguindo a necessidade de racionalização de recursos que caracterizou a implantação do método Lancaster, ou monitorial, Bentham propõe também a criação de Escolas Chrestomáthicas. Estas instituições se caracterizariam pelo ensino de conteúdos de reconhecida utilidade para a sociedade e para as atividades econômicas. Assim, a Escola Chrestomáthica tinha como objetivo o estímulo e a preparação de cidadãos que através de sua *suposta* engenhosidade pudessem colaborar com o crescimento econômico de suas comunidades. As

Escolas Chrestomáthicas seguiriam o modelo das Casas de Inspeção sugerido no Panóptico.

Jeremy Bentham expõe na sua obra o Panóptico escrita em 1787 um modelo arquitetônico e administrativo de aplicação do conceito de Casa de Inspeção para Escolas, que as tornariam mais eficientes. Segundo Bentham:

“ Toda brincadeira, toda conversa, em suma , toda distração de qualquer tipo, está efetivamente descartada pela situação central e protegida do mestre, secundado pelas partições de telas _ tão discretas quanto se queira _ entre os estudantes. Os diferentes graus e tipos de talento, tornados por esse meio, talvez pela primeira vez, discerníveis, indicarão os diferentes graus de atenção e modos de cultura mais apropriados para cada particular inclinação. (BENTHAM, 2000, P: 64.)

“O que você diria, se pela gradual adoção e diversificada aplicação desse único princípio, você visse um novo estado de coisas difundir-se pela sociedade civilizada? Se você visse a moral reformada; a saúde preservada; a indústria revigorada; a instrução difundida; os encargos públicos aliviados; a economia assentada, como deve ser, sobre uma rocha; o nó górdio das Leis sobre os Pobres não cortado, mas desfeito _ tudo por uma simples idéia de arquitetura.” (p: 72.)

Bentham enfatiza a necessidade de observar a relação entre a noção de custo e benefício nas instituições escolares onde a eficiência do processo de ensino aprendizagem dependeria da racionalização dos recursos humanos empregados na inspeção:

“Você admitirá alguma diferença, em termos de facilidade, entre uma situação de constante movimentação e uma

situação em que não é necessário muito deslocamento; e em termos de perfeição da inspeção , entre visitar duas ou três centenas de pessoas em sucessão e vê-las simultaneamente. Ao dizer o que este princípio fará para a promoção do progresso da instrução em todos os aspectos. (...) Ele realmente garante toda a eficácia que possa ser dada à influência da punição ou do controle”. (p: 65.)

Jeremy Bentham refletindo sobre questões morais próprias de sua Deontologia ⁵ , conclui:

“(...) Será que o espírito liberal e a energia de cidadão livre não seriam substituídos pela disciplina mecânica de um soldado ou a austeridade de um monge? E será que o resultado deste sofisticado dispositivo não será o de produzir um punhado de máquinas sob a aparência de homens?

Para dar uma resposta satisfatória a todas essas questões, que são excelentes, mas que não chegam ao cerne da questão, seria necessário referir-se diretamente à finalidade da educação. Seria mais provável que a felicidade aumentasse ou diminuísse com essa disciplina? Chamemo-los de soldados, chamemo-los de monges, chamemo-los máquinas: enquanto eles forem felizes, não devo me preocupar” (p: 66.)

O pensamento educacional do Utilitarismo de Bentham baseado na noção de controle e vigilância pode ser ilustrado ainda pela seguinte citação:

“Cuidar da educação de um Homem é cuidar de todas as suas ações: é colocá-lo numa posição onde se possa

⁵ Em sua obra *Deontologia ou ciência da moralidade*, Bentham afirma que o Deontólogo deve: “ensinar ao homem como dirigir suas emoções de tal modo que as subordine na medida do possível a seu próprio bem estar”

influenciá-lo como se deseja, pela escolha das coisas que o rodeiam e das idéias que nele se quer germinar”⁶

A capilarização da vigilância nas escolas brasileiras provavelmente foi atingida graças a criação dos Pelotões da Saúde no início do séc. XX. Estes tinham como objetivo declarado à divulgação das idéias do movimento sanitaristas e do higienismo, se constituindo com a implantação do Novo Código Sanitário num instrumento para a ampliação do controle do Governo Federal nos Estados, sobretudo nas Escolas Estaduais.

Com relação a aplicação das idéias Utilitaristas de Bentham na Educação Profissional no Brasil é representativo o fato do Instituto de Menores Artesãos criado pelo Decreto nº 2745 de 13 de fevereiro de 1861 ocupar o mesmo espaço físico da Casa de Detenção fundada 5 anos antes. Principalmente se considerarmos que estas duas instituições arquitetonicamente e funcionalmente também seguiram as orientações do pensamento Benthamiano.

O Instituto seguia o projeto do Panóptico. Tratava-se de uma construção circular que possuía em seu centro, como forma concêntrica, uma torre de vigilância que permitia o controle em todas as direções, num olhar panorâmico das instalações. Além disso o regulamento do Instituto também era orientado pela necessidade de classificação e controle dos diferentes tipos de alunos. Todos os aspectos e momentos do jovem aprendiz eram controlados e avaliados. O Instituto de Menores Artesãos era uma típica Casa de Inspeção.

Os jovens eram classificados por uma tipologia denominada de classes. Primeiramente estavam os **menores distintos** que se caracterizavam por apresentarem sentimentos religiosos, por possuírem um bom comportamento

⁶ BENTHAM, Jeremy. “Panóptico – Memorial sobre um novo princípio para construir casas de inspeção e, principalmente, prisões”. IN: *REVISTA Brasileira de História*. São Paulo, volume 7, n. 14, março/agosto, 1987, (Apresentação de Maria Stella Bresciani), pp. 200-201.

moral e serem aplicados no trabalho. Numa segunda classe estavam os **menores úteis** que se limitavam a aproveitar o ofício e serem aplicados. Seguidos pelos **menores produtores** que apenas se aplicavam ao ofício; e por fim numa 4ª classe estavam os **menores aprendizes** que não se enquadravam nas outras classes.

Seguindo as características da aplicação do Utilitarismo, destacadas por Foucault em *Vigiar e Punir*, o Instituto após amplo esforço de controle e classificação dos internos foi fechado e os seus alunos foram como “delinquentes úteis” enviados arbitrariamente para a Guerra do Paraguai. Assim, se encerrou em 1865 as atividades do Instituto de Menores Artesãos e a experiência de uma escola baseada nas ideias Utilitaristas no Brasil.

Considerações Finais

O Utilitarismo que fundamentou a definição de ações educacionais para população carente teria sido influenciado pela relação custo/benefício aplicada às mercadorias, sendo mais um sintoma da reificação do trabalhador e da redução da força de trabalho a uma mercadoria.

Assim, a abordagem da Educação Profissional teria passado de uma tendência liberal redentora de caráter profilático para um Liberalismo tecnicista de caráter utilitarista. Entre o encontrar um lugar para os pobres no sistema produtivo, até a manutenção dos pobres no seu lugar.

A forma como é trabalhada a singularidade da educação profissional teria levado a separação entre ensino propedêutico e profissional baseada numa suposta natureza humana capaz de justificar este tratamento. A dualidade pedagógica foi construída historicamente como a manifestação de uma abordagem essencialista, ou inatista aplicada à educação.

Em seu *Discurso de Dijon* Rousseau já destacava uma divisão do trabalho que caracterizava a supremacia do trabalho intelectual sobre a emoção e sobretudo sobre o trabalho físico. Esta divisão apresenta-se como uma constante, fenômeno recorrente na História ocidental, que orienta a relação entre a educação Propedêutica e a Educação Profissional.

Da República de Platão ao Racionalismo Iluminista que originou a concepção insular do indivíduo, o Homem tem sido reduzido a vontade e a razão, semelhante a virtú e fortuna de Maquiavel, diferentemente da concepção do Homem como ser integrado a natureza que sugere uma nova ética.

A concepção insular abordada por Macpherson em sua *Teoria do Individualismo Possessivo*. leva a abordagem do Homem como autodeterminação ou autonomia individual. Por outro lado a concepção que se baseia no Homem como indivíduo integrado a natureza levaria ao dialogo e a transcendência.

Estas duas formas de conceber o Humano que tem em comum a consideração do Homem como ser autoconsciente, produzem ou levam a 2 abordagens da Educação Profissional . Respectivamente a primeira caminha no sentido de considerar o trabalhador como responsável pela sua empregabilidade e formação (competências como competitividade no mercado de trabalho). A segunda por considerar o trabalhador em sua relação com o ambiente político-econômico leva a reconsideração da trajetória histórica das comunidades e suas opções políticas como fatores que constroem o tipo de inserção, ou inclusão dos indivíduos na sociedade.

Referências

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1999.

- BENTHAM, Jeremy. O Panóptico ou a Casa de Inspeção. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- BOUDON, Raymond. *A desigualdade das oportunidades. A mobilidade social nas sociedades industriais*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981
- BRISTOW, Edward, J. *Vice and vigilance - Purity movements in Britain since 1700*. Dublin: Ed. Gill and Macmillan Rowman / Littlefield, 1977.
- CARVALHO, Olgamir Francisco de. Educação e formação profissional. Trabalho e tempo livre. Brasília: Plano Editora, 2003.
- CAULY, Olivier. Comenius. O pai da pedagogia moderna. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- CHEVALIER, Louis. *Classes laborieuses et classes dangereuses*. Paris: Hachette, 1984.
- COMENIUS, Didática Magna. São Paulo: Martins Fontes. 2002
- DURKHEIM, Emile. A Evolução Pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- FOUCAULT, M. Microfísica do poder RJ: Graal 5ª ed 1985.
- FOUCAULT, M. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____ - Vigiar e Punir. Rio de Janeiro: Vozes, 1993
- _____ - A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: Nau Ed. 1996.
- FREINET, Célestin. A educação do Trabalho. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- GADELHA, Sylvio. Biopolítica, governamentalidade e educação. Belo Horizonte : Autêntica, 2009.
- GOFFMAN, Erwing. Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro:LTC, 1998.
- _____ . Manicômios, prisões e conventos. São Paulo Editora perspectiva, 2001.
- GOMES, Ângela de Castro. *Burguesia e trabalho: Política e legislação social, 1917-1937*. Rio de Janeiro: Campos, 1979.
- HABERMAS, J. Mudança estrutural da esfera pública. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HEGEL, G.W.F. Discursos sobre Educação. Lisboa: Edições Colibri, 1994.
- LÉON, Antoine _ Histoire de L´éducation Technique. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.
- LOMBARDI, J.C, SAVIANI, D. & SANFELICE, J.L. (orgs.) Capitalismo, Trabalho e Educação. SP: Aurores Associados, 2002.
- MACPHERSON, C. B. A Teoria política do individualismo possessivo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MONARCHA, Carlos. Brasil arcaico. Escola Nova. Ciência, Técnica e utopia nos anos 1920-1930. São Paulo, UNESP, 2009.

- NAGLE, Jorge. Educação e Sociedade na Primeira República. SP : EDUSP, 2009.
- NASCIMENTO, Terezinha A. Q. Ribeiro do. Pedagogia Liberal Modernizadora. Rui Barbosa e os Fundamentos da Educação Brasileira Republicana. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. Cientificismo e sensibilidade romântica. Brasília: Ed. UnB, 2004
- OFFE, Claus. Trabalho e sociedade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Política e trabalho no Brasil: dos anos vinte a 1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- REIS FILHO, Casemiro dos. A Educação e a ilusão Liberal. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.
- RICOEUR, Paul. A região dos filósofos. São Paulo: Edições Loyola, 1996
- SAVIANI, D. (org.) Capitalismo, trabalho e Educação. Campinas: Autores Associados, 2002.
- SAHLINS, Marshall. Cultura e razão prática. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- VERNANT, Jean-Pierre. As origens do pensamento Grego. RJ: Bertrand Brasil, 2000.
- WAGNER, Eugênia Sales. Hannah Arendt e Marx. O mundo do trabalho. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.